

UM ENTENDIMENTO CRISTOCÊNTRICO DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA: IMPLICAÇÕES PARA MISSÕES NUMA ERA PLURALISTA

*Samuel Larsen**

RESUMO

Muitos eruditos bíblicos evangélicos adotam a posição de que a diversidade de idiomas e dialetos é diretamente atribuída ao julgamento divino sobre Babel. Assim, a diversidade lingüística é vista negativamente como um problema a ser corrigido, e não como uma expressão da criatividade divinamente ordenada. Todavia, neste artigo o autor utiliza uma abordagem cristocêntrica, a fim de ser fiel ao texto bíblico, entendendo tratar-se de uma histórica verídica e interpretando a diversidade lingüística (e também cultural) como um aspecto positivo da história humana. Com base em seu próprio trabalho exegético e nas pesquisas de conhecidos estudiosos bíblicos como Van Gemeren e Moisés Silva, o autor sustenta que a diversidade cultural não é pecaminosa, nem representa uma subversão do propósito criativo e redentor de Deus. Essa conclusão possui várias implicações missiológicas. Em primeiro lugar, a diversidade cultural e lingüística pode ser celebrada como uma bênção, ao invés de uma maldição. Em segundo lugar, a mensagem do evangelho deve ser traduzida para cada linguagem humana. Em terceiro lugar, a diversidade de estilos de culto é algo apropriado, contanto que dentro dos limites estabelecidos pelo próprio Deus na Bíblia. Assim, a plenitude da igreja pode ser encontrada somente em Cristo, o seu cabeça.

* O autor é ministro da Igreja Presbiteriana da América (PCA) e deão acadêmico e professor de missões no *Reformed Theological Seminary* (RTS), em Jackson, Mississipi, Estados Unidos. Obteve seu doutorado em ministério (D.Min.) pelo RTS e seu doutorado em Estudos Interculturais (Ph.D.) pela *Trinity International University*, em Illinois. Atuou por vários anos como missionário na Austrália e no Quênia.

PALAVRAS-CHAVE

Diversidade lingüística; Babel; Comunicação transcultural; Missões; Uniformidade de línguas e culturas.

I. INTRODUÇÃO

Entre os teóricos da comunicação secular, a evolução biológica humana é comumente pressuposta, e a linguagem humana em sua diversidade é, portanto, aceita como tendo se desenvolvido das formas animais inferiores como as salamandras, por exemplo, para as formas mais elevadas de animais, tais como os primatas.¹

A Crítica da Redação tem geralmente visto a narrativa do Gênesis sobre Babel como mitológica. Suas teorias não se saíram bem à luz da erudição subsequente. Por exemplo, a hipótese de Gunkel de que a narrativa resultava da mistura de duas histórias antigas, uma de uma cidade e a outra de uma torre, não mais é amplamente sustentada por causa da forte coerência literária da unidade.²

De modo oposto, muitos eruditos evangélicos têm tomado a posição de que a diversidade de línguas humanas é totalmente atribuível ao juízo de Deus em Babel (Gênesis 11). A diversidade lingüística é, portanto, vista negativamente, como um problema a ser remediado, e não como uma expressão da criatividade pretendida por Deus. Essa idéia carrega consigo implicações tanto para nações-estado quanto para a comunidade cristã. A homogeneidade da linguagem e da cultura freqüentemente se torna um ideal e uma meta.

Há um “terceiro modo” cristocêntrico, que é fiel ao texto bíblico, tratando-o como verdadeira história, e que, todavia, vê a diversidade lingüística (e, conseqüentemente cultural) de modo positivo?

II. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Numa leitura superficial no vernáculo, Gênesis 11 pode facilmente ser construído para significar que a diversidade de línguas e culturas não existia após o Dilúvio de Noé, até que chegassem os eventos da narrativa de Babel. O texto diz: “Ora, em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar” (v. 1) e “[o Senhor] disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem... Vinde, desçamos, e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro” (v. 6-7), e ainda, “chamou-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra, e dali os dispersou por toda a superfície da terra” (v. 9).

Os eventos do primeiro dia de Pentecoste, seguindo a ressurreição de Cristo, parecem indicar que a condição imposta em Babel (diversidade de lin-

1 HALL, Edward T. *Beyond culture*. New York: Doubleday, 1977. p. 192-193.

2 WENHAM, Gordon J. Genesis 1-15. *Word Biblical commentary*. HUBBARD David A.; BARKER, Glenn W. (Eds.). Dallas: Word Books, 1987. v. 1.

guagem) é revertida quando o Espírito de Deus opera por meio do Evangelho (Atos 2). F. F. Bruce escreve: “O evento certamente foi nada menos do que uma reversão da maldição de Babel”.³

A visão de João enquanto esteve na ilha de Patmos nos proporciona, por meio de seus olhos, um vislumbre do próprio céu, onde a multidão, livre de todas as línguas e de toda questão étnica, agora canta em uníssono ao Pai e ao Filho (Ap 7.9-10). Para que isso fosse possível, se poderia supor a necessidade do compartilhamento da mesma língua usada no cântico.

A implicação percebida por muitos leitores é de que a uniformidade de linguagem é finalmente restaurada no céu. Se esta é a meta suprema de Deus, raciocinam alguns posteriormente, não deveria o povo de Deus agir para que isso acontecesse agora? A diversidade cultural e lingüística é, então, vista como uma condição inferior à uniformidade cultural e lingüística. Referindo-se à narrativa de Babel, Allen Ross conclui: “O texto, conseqüentemente, demonstra que o presente número de linguagens que formam barreiras nacionais é um monumento ao pecado”.⁴

III. REFLEXÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA

Entretanto, há um outro modo de interpretar o fraseado de Gênesis 11. O termo “linguagem” (heb. *saphah*, “lábio”) pode denotar um sistema fundamental de linguagem (“linguagem comum”), enquanto o termo “palavras” (heb. *debarim*) pode denotar um vocabulário compartilhado ou cerne.⁵ A forma plural da palavra hebraica para “um” usada com o termo para “palavras” em Gn 11.1 é encontrada somente outras quatro vezes no AT (Gn 27.44; 29.20; Dn 11.20 e Ez 37.17), e em três dessas quatro ocorrências é traduzida como “poucas”.⁶ Por exemplo, uma criança pode falar a língua de seus pais e usar um vocabulário comum a eles, sem que a criança possua um entendimento amplo de gramática, vocabulário ou conceitos, ou mesmo sem que seja capaz de falar outras línguas conhecidas pelos pais. A comunicação é ainda facilmente possível. Kiswahili é uma linguagem comercial na África Oriental, e uma segunda língua para a maioria dos quenianos. Mesmo habilidades básicas de gramática e um vocabulário mínimo capacitam uma pessoa a se comunicar com outras de tribos diferentes (com suas próprias linguagens distintas). Peter Berger⁷ argumenta que um “dossel sagrado” de linguagem

3 BRUCE, F. F. *Commentary on the Book of the Acts*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1974. p. 64.

4 ROSS, Allen P. *Creation and blessing: a guide to the study and exposition of the book of Genesis*. Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1988. p. 234.

5 HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Eds.). *Theological word-book of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1980.

6 WENHAM, *Genesis 1-15*.

7 BERGER, Peter. *The sacred canopy: elements of a sociological theory of religion*. Garden City, NY: Doubleday, 1967.

essencial compartilhada e de valores dentro de uma sociedade é necessário se a unidade no meio da diversidade deve ser mantida. A narrativa de Babel, portanto, pode ser entendida como que querendo dizer que, no meio da diversidade que já estava emergindo (cultural e lingüística), a raça humana conservava um modo compartilhado de entendimento (i.e., um sistema de linguagem, heb. *saphah*) e um conteúdo ou expressão compartilhada (i.e., um vocabulário essencial comum, heb. *debarim*). Foi esse guarda-chuva compartilhado, ou “dossel sagrado” de coesão social, que foi removido por Deus, tanto num ato de juízo como de graça. Ross escreve: “A raça humana, embora unida em sua origem, é dividida pela linguagem, território e política como parte do desígnio de Deus de trazer bênção à raça humana”.⁸ A chamada de Abraão, com a promessa explícita de bênção para as nações, por meio de sua linhagem, vem logo a seguir, imediatamente após a narrativa de Babel e da genealogia pessoal de conexão.

Em apoio a tal interpretação da narrativa de Babel estão os desdobramentos registrados em Gênesis 4 e 10. No capítulo 4, somos informados do surgimento de indivíduos com tecnologias de metalurgia, musicologia e criação de animais, entre outras coisas. Uma tecnologia especializada implica vocabulário e conceitos especializados. Mencionamos coisas e processos à medida que os descobrimos e desenvolvemos, e a finitude humana evita a suposição de que cada ser humano pode conhecer inteiramente o que cada outro ser humano tem aprendido. Jargões disciplinares distintivos e estenografia terminológica são desdobramentos naturais, não pecaminosos em si mesmos. A diversidade de linguagem reflete diversidade de interesse e cultura. Dar nomes tem a ver com domínio e com percepção relacionada à natureza real das coisas. Um nome denota identidade, relacionamento ou soberania. Deus chama o cosmo à existência, e ele responde por vir à existência. Tal “chamada-resposta” implica relacionamento. Deus, então, dá nome à natureza e a Adão. Adão, por sua vez, dá nome aos animais e a Eva, refletindo a própria nomeação que Deus fez do dia e da noite, do céu e dos mares e do próprio Adão. Caim dá o nome de seu filho a uma cidade (Gn 4.17). Todos evidentemente dão nomes a seus filhos. O processo de dar nomes implica mais do que simplesmente a atribuição de símbolos correspondentes aos substantivos de nossa língua moderna, porque as expressões verbais podem também ser parte dessa nomeação. Por exemplo, o nome de Yahweh, segundo Hagar, era “Tu és Deus que vê” (Gn 16.13-14).

Ellis⁹ sugere juntamente com Benjamin Whorf¹⁰ que a linguagem não é primariamente comunicação. Ao contrário, ele argumenta, a categorização é

8 ROSS, *Creation and blessing*, p. 230.

9 ELLIS, John M. *Language, thought, and logic*. Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1993.

10 WHORF, Benjamin Lee. *Language, thought and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. CARROL, John B. (Ed.). Cambridge, Mass: M.I.T., 1956.

a atividade fundamental do pensamento, raciocínio e linguagem. A linguagem, então, tem a ver fundamentalmente com o que faz sentido da experiência humana. Todavia, mesmo antes de Adão ter dado nome aos animais, Deus lhe tinha falado, o que sugere que a *imago Dei* já incluía todas as estruturas fundamentais do pensamento, raciocínio e linguagem. O mandato cultural, como tem sido chamado, de Gênesis 1.26-28 foi dado a ambos, Adão e Eva, e portanto, presumivelmente aconteceu seguindo a ambos, os mandamentos de Deus a Adão (Gn 2.15-17) e a atividade de Adão de nomeação dos animais (Gn 2.19-20). A atividade de Adão de dar nome aos animais anteriormente à entrada do pecado no mundo e antes da criação de Eva sugere não tanto o fato de que ele estava criando as características de cada animal, mas, ao contrário, sugere sua formulação de uma taxonomia descritiva. Hall escreve: “Ciência e taxonomia caminham juntas. Na verdade, está implícita em cada taxonomia uma teoria da natureza dos eventos ou organismos que estão sendo classificados”.¹¹ Em classificando os animais, Adão por meio disso criou a primeira cultura humana, que ele teria passado a Eva e seus descendentes. Essa cultura, como o DNA de Adão, bem pode ter carregado dentro si o potencial para uma variedade maravilhosa de expressões dentro dos limites estabelecidos pelo Criador.

Exatamente como o potencial genético para todas as raças e os traços físicos, juntamente com todos os talentos naturais, estavam presentes no DNA de Adão, assim também o potencial para a diversidade na conceitualização e expressão também estava presente. As aptidões hereditárias para o reconhecimento padrão, lógica, mecânica, matemática, habilidade psicomotora, música e linguagem, todas eram parte de uma biodiversidade embutida dentro do DNA genético de Adão e Eva. As experiências individuais encontradas por seus descendentes, pela providência de Deus, proporcionaram ocasiões para as suas aptidões individuais se expressarem. Não é a evolução, mas o propósito criador de Deus para a diferenciação dentro dos limites da raça humana que é responsável por tal diversidade. Kreitzer,¹² num tratamento recente e útil do assunto, argumenta convincentemente que, com o correr do tempo, a separação geográfica dos seres humanos naturalmente resultou numa diversidade cultural-lingüística, uma diversidade que foi pretendida por Deus desde o começo. Todavia, mesmo à parte da distância geográfica, outros fatores mais intrínsecos, como previamente descritos, também podem contribuir para a diversidade de conceitualização e expressão do pensamento humano.

Em Gênesis 10, na “lista das nações”, somos informados três vezes (v. 5, 20, e 31) que os descendentes de Noé se espalharam sobre a terra “por seus

11 HALL, *Beyond culture*, p. 122.

12 KREITZER, Mark. *Toward a covenantal understanding of ethnicity: an interdisciplinary approach*. Tese de Doutorado, Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississippi, 2003.

clãs, suas terras, suas *línguas* [heb. *lashonotham*, ‘suas línguas’] e suas nações”. O processo pode bem ter sido encaminhado por volta da época de Pelegue. Pelegue estava pelo menos a cinco gerações de Noé (talvez mais se “gerou”, heb. *yalad*, é entendido como “se tornou progenitor de”) e a duração da vida era mais longa (não mais curta, como é reivindicado por muitos evolucionistas seculares) do que no presente. A população global no tempo de Pelegue deve ter sido substancial, o que pode sugerir que os clãs e as distinções de linguagem também estavam em desenvolvimento. Embora ainda compartilhassem uma linguagem e identidade comuns, o nome Pelegue significa “divisão”, e o texto então explica: “porquanto em seus dias se repartiu a terra” (v. 25). Muitos comentaristas entendem a referência como uma alusão à narrativa de Babel que se segue imediatamente à lista das nações. Um entendimento plausível do capítulo 11 é que, quando os descendentes de Noé começaram a se multiplicar e se espalhar, e quando as línguas distintivas se proliferaram, eles conscientemente retiveram um cerne intercultural essencial de vocabulário, sintaxe e cosmovisão que tornou contínua a comunicação prontamente realizada. Resistindo à ordem de Deus de “encher a terra” (Gn 1.28), eles procuraram manter para si mesmos um capital comum e uma identidade antropocêntrica (Gn 11.4). Deus frustrou a sua rebelião centrada em si mesmos removendo a base comum de comunicação, lançando-os em confusão e conflito e colocando uns separados dos outros. Todavia, o juízo de Deus também foi gracioso, porque o pecado compartimentalizado é um modo de restringi-lo, e por causa disso resultou na manutenção do propósito criador de Deus e de sua bênção expressa em Gênesis 1.28.¹³ Candlish observou que a dispersão de Gênesis 11.9 aparentemente não foi anárquica, mas, antes, seguiu um padrão:

A divisão das línguas, portanto, foi tornada subserviente a uma distribuição ordenada de famílias de cada um dos filhos de Noé. Eles foram espalhados por toda parte; mas foi de uma maneira regular, e sobre um princípio natural de arranjo [...] com uma consideração associada à consangüinidade e à língua – de acordo com suas famílias e suas línguas.¹⁴

O apóstolo Paulo proclamou aos atenienses a verdade da unidade das origens humanas e da soberania de Deus sobre a dispersão das nações (At 17.26). Van Gemeren além disso observa que a diversidade resultante não era em si mesma pecaminosa, nem representava a frustração dos propósitos criadores e redentores de Deus. Comentando sobre Gênesis 11, ele escreve:

13 GAGE, Warren A. *The gospel of Genesis: studies in protology and eschatology*. Winona Lake, Ind.: Carpenter Books, 1984. p. 139.

14 CANDLISH, Robert S. *Studies in Genesis*. Grand Rapids, Mich: Kregel Publications, 1979. p. 176.

Deus desejava as nações! As passagens relevantes (v. 5, 20, 31) conduzem a uma conclusão somente: a diversidade geográfica, política e lingüística não é pecaminosa. Deus a desejava desde o princípio (1.28). A multiplicação, a migração, o povoamento da terra e o surgimento das civilizações são expressões das bênçãos de Deus. A Lista das Nações não contém nenhum comentário ou alusão à superioridade natural de qualquer região, raça ou entidade política. A atenção mais ampla dada à genealogia de Sem é com o propósito canônico de mostrar em maior detalhe o relacionamento de Israel com Sem. Por esta razão, sua genealogia é tratada por último (v. 21-31) e repetida numa forma diferente em 11.10-26.¹⁵

Gênesis 1.28 proporciona um pano de fundo essencial para o entendimento de Gênesis 11.4 (“para que não sejamos espalhados por toda a terra”). O propósito criador de Deus para a raça humana era o de que eles deveriam “encher a terra e sujeitá-la”. Em Gênesis 2.8 Deus plantou um jardim e colocou Adão nele. Deus pronunciou todo o planeta como sendo “muito bom” (Gn 1.31), mas o jardim não incluía a totalidade do planeta. Então, naturalmente, a questão surge: como poderiam Adão e seus descendentes “encher a terra e sujeitá-la” sem ter de deixar o Éden? Antes da Queda narrada em Gênesis 3, um Adão sem pecado poderia ter feito assim, estendendo os limites do Éden, segundo o padrão proporcionado pelo próprio Deus na beleza e produtividade cultivada e divinamente ordenada do Éden. A Queda resultou na expulsão de Adão do Éden juntamente com a frustração de suas tentativas de interagir com seu ambiente (Gn 3.17-19). Não obstante, os propósitos criadores de Deus expressos em suas bênçãos (Gn 1.18) não foram arruinados. Seguindo Gênesis 1.28, as promessas pós-lapsárias de Gênesis 3.15 e 12.2-3 agrupam a narrativa de Babel e são redentoras e messiânicas, proporcionando os pontos centrais para o propósito global de Deus para a humanidade à medida que ele revela esse plano na história, uma história que descreve a luta entre duas “descendências” (Gn 3.15). A narrativa intermediária no tempo de Noé (capítulos 6 a 8) ilustra poderosamente o motivo do juízo e da renovação, da graça e da salvação do remanescente crente e por meio dele. Todavia, os capítulos 10 e 11 seguem demonstrando que a fonte suprema do problema, a corrupção interna da própria natureza humana, ainda está presente e é capaz de um crescimento explosivo e maligno. O novo coração (um tema subsequentemente desenvolvido em passagens como Deuteronômio 30.6, Salmo 51.10, Jeremias 31.31-34 e Ezequiel 36.25-27) é urgentemente necessário, e somente se torna possível por meio da Descendência prometida. Consideradas juntas, essas passagens geram uma estrutura missiológica. É em Cristo que a humanidade e a própria criação são definitivamente restauradas (cf. Rm 8.19-23). Não é somente a diversidade que é removida, mas a con-

15 VAN GEMEREN, Willem. *The progress of redemption: the story of salvation from creation to the New Jerusalem*. Grand Rapids: Zondervan, 1988. p. 80.

fusão e o conflito, tanto ecologicamente (dentro da criação) como relacionalmente (dentro da comunidade dos redimidos).

O Novo Testamento nos diz que os crentes são nascidos espiritualmente na família de Deus e são capacitados com uma diversidade de dons espirituais (Ef 4.4-16). Juntos, os crentes formam um corpo numa unidade complementar. Na verdade, o gênero também proporciona complementaridade; Adão encontra em Eva uma “satisfação” para ele (heb., “de acordo com seus aspectos”). Deus criou o homem, macho e fêmea, e chamou-os conjuntamente de “Adão” (Gn 5.1-2). Os crentes são iguais em sua posição perante Deus (justificação: “em Cristo Jesus”, cf. Gl 3.28), mas não são idênticos na designação do seu serviço (função) dentro da comunidade dos crentes (1 Co 12.29-30).

Em sua visão de céu, João testemunhou uma multidão inumerável “de toda nação, de todas as tribos e povos e línguas” adorando Deus (Ap 7.9-10). A questão surge: como ele soube? A resposta pode ser que o Espírito Santo simplesmente inspirou João com esse discernimento. Mais plausivelmente, ele podia ver e ouvir por si mesmo. Após esse evento, João descreve o que eles estavam vestindo e carregando e o que estavam dizendo. Ora, poderia ser fácil falar das diferenças de aparência facial e de estatura, ainda que todos vestissem roupas brancas e tivessem palmas nas mãos. Mais problemática é a afirmação das línguas. Como poderiam eles falar em diferentes línguas e ainda louvar a Deus em alta voz com uma doxologia comum? A resposta pode ser que João os ouviu expressando um concerto de louvor, no qual o refrão do louvor nas várias línguas reverberava sucessivamente ou entrava e saía em pontos bem sincronizados como um contraponto moderno poderia fazer, ou exatamente como os instrumentos o fariam numa sinfonia orquestrada ou como as vozes fariam nas partes de um coral litúrgico bem harmonizado. Se João recebesse, juntamente com sua visão, a capacidade restaurada de entender aquelas línguas, ele certamente teria ficado profundamente tocado pelo que viu e ouviu. Na verdade, isso pode ser o que ele tinha experimentado parcialmente no Pentecoste, nos eventos registrados em Atos 2, quando a diversidade lingüística não foi apagada, mas afirmada, com a verdade unificadora do Evangelho, incluindo o conteúdo da mensagem. Estritamente falando, o Pentecoste é mais uma cura de Babel do que uma reversão de Babel. O derramamento do Espírito no Pentecoste resultou num verdadeiro ouvir assim como num falar, no caso de três mil dos presentes, porque a mensagem não foi somente lingüisticamente compreensível (v. 6), mas realmente percebida por alguns entre os presentes (v. 11). Eles escutaram atentamente a explicação e o convite de Pedro. “Assim, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir da palavra de Cristo” (Rm 10.17).

Pode-se levantar a objeção de que não deveria haver nenhum conhecimento distintivo ou exclusivo no céu, de que todos os cidadãos dos céus deveriam ter conhecimento e vocabulário. A resposta parece ter sido dada anteriormente no livro do Apocalipse, quando é dito do vencedor que Cristo lhe

daria “uma pedra branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe” (Ap 2.17). A singularidade, longe de diluir a unidade, a aperfeiçoa. Por quê? Porque, totalmente à parte de quaisquer efeitos do pecado (que não mais estão presentes no céu), as criaturas de Deus são ainda finitas. Cada um pode compreender somente uma pequena parte da plenitude da majestade divina. Ao mesmo tempo, de modo complementar, o Corpo de Cristo entende mais plenamente (Ef 3.18), assim como os pontos de vantagem da perspectiva dos escritores dos quatro Evangelhos servem para complementar e reforçar um ao outro. Deus cria o homem e a mulher e *os* chama pelo nome de “Homem” (heb.: “Adão”) (Gn 5.1-2). A perspectiva de ambos os gêneros é necessária para a humanidade ser um reflexo mais completo da imagem de Deus. A uniformidade de perspectiva não teria servido tão bem. Exatamente como para a profundidade da visão humana a percepção exige paralaxe, que por sua vez somente pode ser proporcionada pelos múltiplos ângulos da visão, assim também os testemunhos dos escritores dos Evangelhos não são contraditórios, mas complementares. Assim, também, podem ser as línguas do céu.

IV. SUMÁRIO E CONCLUSÕES MISSIOLÓGICAS

Os dados bíblicos podem não permitir um veredicto conclusivo. Entretanto, uma explicação plausível da narrativa de Babel interpreta o julgamento de Deus como algo que traz confusão e conflito, enquanto que ao mesmo tempo acelera o processo da diversidade lingüística e proporciona um ímpeto para a humanidade encher e subjugar a terra.

Exatamente como as crianças aprendem gradualmente o vocabulário de seus pais, mas compartilham a partir de um estágio anterior as habilidades essenciais da linguagem necessárias para a comunicação, assim os seres humanos de diferentes línguas ainda podem se comunicar uns com os outros – e realmente o fazem –, na medida em que compartilham ao menos de um cerne básico de entendimentos e expressões, alguma *língua franca*, pela qual podem se expressar. Sem tal meio de comunicação comum, a dificuldade de alcançar significados compartilhados se torna quase insuperável.

Se a narrativa de Babel é entendida como significando que Deus naquele evento removeu da humanidade o cerne compartilhado dos significados, “a única língua e as mesmas palavras” usadas em comum, o resultado teria sido a perda da capacidade de cooperar e resultaria numa dispersão acelerada. Essa interpretação realmente parece cair dentro dos modos possíveis de entender o texto e merece uma exploração posterior.

As implicações missiológicas de tal entendimento de Babel são significativas. Para começar, a diversidade cultural e lingüística passa a ser vista como uma bênção antes que uma maldição. Deus é mais plenamente glorificado numa unidade harmoniosa do que o é numa simples singularidade resultante duma uniformidade. A complementaridade, antes do que a con-

formidade, é o que mais glorifica a Deus. Entretanto, a harmonia é essencial porque sem ela a diversidade conduz ao caos. Moisés Silva observa que

Não necessitamos inferir que a uniformidade lingüística seja um alvo da redenção, mas certamente a capacidade de entender um ao outro e, assim, louvar a Deus em unanimidade é uma parte real de sua graça salvadora para nós”.¹⁶

Os modos criativos de preservar a diversidade enquanto se promove a harmonia na adoração e no serviço a Deus são, então, valores positivos e alvos para a Igreja.

Uma segunda implicação missiológica que vem da primeira é que a mensagem do Evangelho deve ser, e é, traduzível em cada língua humana. O Cristo assunto ao céu, tendo recebido o prometido Espírito Santo em nossa humanidade (heb., “em Adão”, Sl 68.18) como nosso cabeça do pacto, derramou o Espírito Santo no Pentecoste (Ef 4.8), conforme registrado em Atos 2, não a fim de destruir o julgamento pronunciado em Babel, mas a fim de trazer a cura causada por ele.¹⁷ O Espírito Santo, por sua vez, causa a efetividade da Palavra de Deus quando ela é comunidade para aqueles que ouvem, mesmo em meio a barreiras culturais e lingüísticas. As traduções da Bíblia que respeitam as culturas e as línguas dos recipientes são, portanto, tanto legítimas quanto necessárias. A diversidade de estilos de adoração é também apropriada, sujeita aos limites que o próprio Deus estabeleceu na Bíblia.

Teologicamente, é somente em Cristo, o Cabeça, que a totalidade do Corpo (a Igreja) encontra sua integralidade e edifica-se conjuntamente em amor. Os crentes honram o seu Criador ao reconhecerem a finitude deles e o modo como se complementam mutuamente dentro da comunidade da fé. Todavia, mesmo reunido, o Corpo de Cristo é incompleto à parte do Cabeça, o próprio Cristo. Em sua natureza humana, ele é um de nós (encarnado e finito), e, todavia, em sua divina natureza, ele pertence à Divindade Triúna (divina e infinita). A Igreja é seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas (Ef 1.23). Por meio de sua união espiritual com Cristo, os crentes estão, mesmo agora, entronizados nos lugares celestiais (Ef 2.6).

Em Cristo, nosso Cabeça, a totalidade do Corpo, com toda sua diversidade (incluindo a linguagem), adapta-se e encontra integração e identidade. É Cristo que dá a seu povo o propósito e a semelhança comuns deles, trazendo a cura relacional. Todavia, a cura também está associada com o ouvir (João 12.37-41). As missões nunca devem substituir a proclamação de Cristo pela humanização, porque ele é o coração do Evangelho. Cristo, e Cristo somente, é o centro da criação, da redenção, da missão e da glória escatológica.

16 SILVA, Moises. Biblical perspectives on language. *Foundations of contemporary interpretation*, seis volumes em um. LONG, V. Philips; LONGMAN III, Tremper; MULLER, Richard A.; POYTHRESS, Vern S.; SILVA, Moises (Eds.). Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1996. p. 217.

17 RICHARDSON, Alan. *Genesis 1-11: the creation stories and the modern worldview*.

ABSTRACT

Many evangelical Bible scholars take the position that the diversity of human languages is entirely attributed to God's judgment at Babel. Therefore, linguistic diversity is viewed negatively as a problem to be remedied rather than as a divinely-intended expression of creativity. In this article, however, the author takes a Christocentric approach in order to be faithful to the biblical text, treating it as true history, and yet viewing linguistic (and hence cultural) diversity positively. Based upon some exegetical work and the findings of some noted biblical scholars such as Van Gemeren and Moises Silva, the author defends that the resulting diversity is not sinful, nor did it represent a thwarting of God's creative and redemptive purpose. This conclusion bears several missiological implications. First, cultural and linguistic diversity can be celebrated as a blessing rather than a curse. Second, the message of the gospel must be translated into every human language. And third, diversity of worship styles is also appropriate, within the boundaries God himself has revealed in the Bible. Thus, the completeness of the church can be found only in Christ, the Head of the church.

KEYWORDS

Linguistic diversity; Babel; Cross-cultural communication; Missions; Uniformity of languages and cultures.